

PROJETO NAS ASAS DA LEITURA E LEITURA COLORIDA: REVERBERAÇÕES DA EXTRAPOLAÇÃO LÚDICA FRENTE A PRÁXIS LITERÁRIA

Nay Brúnio Borges¹; Maria Cecília Siva de Amorim²

¹SME- Iporá, naybrunio@gmail.com; ²SME- Luziânia, cissa24@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre as vivências de uma professora no chão do AEE de uma escola pública municipal de Iporá-Go e as práticas realizadas por uma arte/educadora de uma biblioteca pública municipal em Luziânia. Para tanto elegeu-se como problemática de pesquisa: Como a práxis literária frente a extrapolação lúdica pode corroborar para a aprendizagem, encantamento e letramento literário de crianças? Tem-se como objeto a mediação da leitura literária, com delimitação nas reverberações lúdicas frente a práxis literária para as minorias. Neste, os objetivos se delineiam em discutir a importância da literatura na formação literária, letramento e construção do encantamento pela palavra lida e escrita; apresentar os movimentos práticos literários realizados por professoras na escola ou na biblioteca e dialogar sobre as possibilidades e dificuldades do trabalho docente numa perspectiva didático emancipatória com uso de tecnologias e extrapolação lúdica. A pesquisa é de cunho qualitativo e se enquadra na pesquisa-ação. Justifica-se que, com ancoragem em Freire (1999), Freire (1979) e Coelho (1986).

Os movimentos práticos e parcerias são oriundos de recortes formativos de cursos de literatura, encontros já vivenciados no grupo GEFOPI/UEG (Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade), bem como da importância dada pelas pesquisadoras ao direito de estudantes terem acesso às obras literárias. Deste modo, por via de reuniões via meet, partilhas de materiais, indicação de obras, discussão de práticas e partilha e vivências, desde de 2021 tem-se construído diversas atividades de corroboram para práxis literárias no chão da educação.

No ano de 2025 em Luziânia o projeto “Leitura colorida: dinamizando a formação de leitores na Biblioteca Municipal Professora Laiza dos Reis Meireles” assim como o projeto “Nas asas da leitura: um olhar literário na inclusão”, em Iporá vêm colocando em prática movimentos que rompem com práticas massificadas, na tentativa de viabilizar

tempo de qualidade na formação de sujeitos leitores.

METODOLOGIA DE PESQUISA OU MATERIAL E MÉTODO

Estes escritos são de cunho qualitativo e se enquadram na pesquisa-ação, por meio da qual há participação e intervenção dos pesquisadores sobre o objeto durante a aplicação e posterior coleta de dados (Kochhann, 2021). Aqui, lança-se mão de Freire (1999), Freire (1979), para lembrar que a educação deve formar para a liberdade e não para a (des)humanização e neste sentido é imperativo recordar que, uma educação que tenta atenuar os impactos na formação do sujeito não deve jamais perpassar a opressão e nem tão pouco a domesticação dos sujeitos. Cabendo a estes num sentido geral lançar mão de práxis que repensem o uso do tempo, as tecnologias e a própria educação.

Sendo assim, compreende-se que, na visão de Freire (1979), é necessário uma educação num viés prático, ou seja, a prática deve não somente questionar a teoria, mas colocá-la à prova e mostrar novos caminhos, novas abordagens. Entende-se que, por via da práxis literária, o despertar para leitura com uma mesclagem de sabor e o saber apresenta uma possibilidade para formação de leitores (Coelho, 1986).

É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas e mais criativas. (Baldi, 2009, p. 11)

O público alvo do projeto em Iporá são estudantes atendidos pelo AEE (Atendimento Educacional Especializado) com crianças em idade série de 1º a 5º anos do Ensino Fundamental I da rede pública municipal de Educação, com um grupo de 51 alunos(as). As atividades acontecem semanalmente por agrupamentos em dias e horários pré-estabelecidos. Na Biblioteca Municipal Professora Laiza dos Reis Meireles em Luziânia, o projeto atende em oficinas arte/educativas nas quarta-feiras, dois grupos, um pela manhã, com média de 07 (sete) crianças e uma tarde com a média de 10 crianças entre 09 e 12 anos. Essa atividade acontece de forma sistematizada.

As atividades de cada lócus acontecem de modo e com intencionalidades diferentes, entretanto há um afunilamento do movimento prático que diz respeito a prática e mediação leitura nesses espaços. O uso das obras literárias delinea o escopo dessas atividades que se alicerçam na importância da literatura frente a educação para formação de sujeitos leitores.

Os registros são feitos por meio de fotos, vídeos, resumos práticos e sequencialmente transformados em resumos, relatórios, artigos fomentando o aspecto formativo, com vistas a redesenhar possíveis novas práticas em outros espaços. A metodologia se deu de forma qualitativa envolvendo o registro das conversas durante a prática de leitura do livro. À medida que as crianças se envolveram na narrativa, novas questões iam sendo lançadas e as pesquisadoras registravam.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos resultados pode-se enfatizar que consideramos a abordagem praxis literária frente a extrapolação lúdica do livro *O menino com flores no cabelo*, de Jarvis. Livro que foi trabalhando tanto em Luziânia quanto em Iporá.

Em Luziânia, o livro foi apresentado ao grupo de crianças que frequenta a Biblioteca Municipal às quartas-feiras, na oficina arte/educativa do Projeto Leitura Colorida. A mediadora explorou as imagens da capa e dirigiu ao grupo uma questão que a deixava intrigada com a obra: afinal, por que somente o menino tem flores no cabelo? Com essa questão poderia levantar outras durante o momento de leitura. O grupo já é alfabetizado, e apenas uma criança dos cinco presentes, não conseguiria ler o texto com a devida fluência. Mas, era fundamental que o texto fosse lido e explorado esteticamente por um leitor mais experiente.

Imagem 1: a literatura



Fonte: Acervo das pesquisadoras, 2025

Após a questão inicial, o grupo começou a exploração da narrativa realizando pausas para perceber detalhes como as flores caindo da cabeça de Davi, o protagonista, e sua touca escondendo que todas as flores haviam caído. Demonstraram grande comoção

quando perceberam que o amigo entendeu que Davi não teve a intenção de machucá-lo com seus pequenos galhos sem flores. Durante a narrativa alguns palpites sobre a origem das flores “ele é diferente”, “ele é especial”, até que alguém levantou a hipótese de que Davi estaria doente, com câncer. Destarte,

A conversa literária é uma maneira de dar forma aos pensamentos e às emoções, estimulados pelo livro, e aos significados que construímos juntos e a partir do texto – as mensagens imaginativamente controladas enviadas pelo autor que interpretamos da nossa maneira que achamos útil ou agradável. (Chambers, 2003, p. 28)

As crianças também foram instigadas a estar no lugar de Davi, a partir da questão: e se o seu melhor amigo ficasse doente, como você poderia agir? Imediatamente surgiram respostas como “eu daria uma peruca para ele”, “eu teria ido na casa dele visitar” e por fim “eu teria ajudado a melhorar a vida dele durante o tempo que estivéssemos juntos”.

A mediadora então destacou a imagem do livro na qual todos se unem para dar ao Davi novas flores para que ele não se sentisse sozinho e nem desprotegido, e aconteceu a extrapolação lúdica, na qual todos poderiam contribuir com flores de papel para o personagem, montando um belo quadro com flores e folhas. Durante esse tempo perceberam a importância de simplesmente agir para mudar uma situação, dando a ela um inédito viável, conceito de Freire (1996) para dar uma solução criativa para a perda das flores.

Concluíram que é necessário perceber os problemas dos amigos e não julgar, mas ajudar como for possível. Ainda que as mudanças individuais podem causar depressão e isolamento e que um amigo de verdade não se afasta, mas se coloca em posição de ajuda e apoio por meio da escuta ou tentando ajudar.

Na sala do AEE em Iporá, a obra foi apresentada às crianças de 1º a 5º do Ensino Fundamental I durante os agrupamentos semanais que acontecem de segunda a quinta-feira. Tem-se uma mesclagem de alunos alfabetizados e não alfabetizados e nesse sentido optou pelo uso de narrativa digital, um áudio *book* foi apresentado aos alunos. Mas antes de vê-lo/ouvi-lo, dirigimo-nos ao mural de leitura da semana e registramos a capa da literatura sugerida. Nesse momento, as crianças observam a capa, os leitores já leem o título, especulam o que vem na história, o que será o enredo, como ela será apresentada e logo iniciam a análise da capa: “Por que ele tem flores no cabelo?” “Deve ser porque ama a primavera, quem não gosta?” “Por que as flores são diferentes?” “Vai ver que ele tinha pouco material para fazer elas.” “Será? Elas são coloridas demais.” Questionamentos

assim, sempre se fazem presentes entre as análises primárias e elas variam de grupo para grupo.

Em roda sentados foram instigados a observar as imagens, as palavras ditas, como os personagens se comportam, quais são as atitudes deles em relação ao problema apresentado na história e se existe esse problema, como resolvê-lo. Ao começar a história eles observaram as imagens, as pausas na leitura, alguns liam junto, os olhos rodavam toda tela. Ao final, voltamos à mesa redonda, onde fizemos nossos círculos de diálogo no dia.

As falas foram variadas, a dúvida sobre ele se esconder de algo, de se esconder porque tinha vergonha do seu cabelo e poderia usar uma peruca. O tema *bullying* foi colocado em pauta por quase todos os agrupamentos de alunos maiores. E a partir dessa abordagem uma das estudantes trouxe a proposta de lermos mais livros que falassem de “gente diferente”.

Em ambos os espaços, biblioteca e sala do AEE, as crianças desfrutaram de uma produção artística contextualizada com o livro, não meramente reprodutora, mas representativa da importância do livro e de sua narrativa inclusiva e empática. Desenvolveram habilidades motoras cortando e montando a figura da personagem do menino com flores no cabelo usando moldes de diferentes flores. O trabalho foi prazeroso e muito significativo, e cada composição foi única na escolha da disposição das flores e suas cores.

Em resumo, pode-se dizer que, a mediação desta obra na biblioteca trouxe um ritmo diferente para a oficina arte/educativa, que, a partir da questão “por que somente o menino tem flores no cabelo?” despertou a curiosidade e a empatia. O grupo ficou envolvido não somente pela narrativa, mas pela necessidade de encontrar uma resposta para a questão que intrigava a mediadora. Com isso, demonstraram também empatia em desejar resolver a problemática inicialmente apresentada.

Na sala do AEE, ela colocou à mostra a inocência, a importância dada às diferenças e o respeito a elas, a necessidade de tratar de temas como *bullying* e de falar sobre as consequências dele na vida de alguém. Outro ponto muito marcante foi a valorização dada ao amigo que não abandona o personagem quando ele está em dificuldade.

O livro não traz a resposta, mas as construções possíveis vão se traçando durante

todo o texto, que tem em seu auge a importância de dar tempo ao tempo, uma vez que o menino logo começou a ter de volta suas flores naturais, significando para todos do grupo que a cura era possível e que se as flores novamente caíssem, o melhor amigo estaria ali para ajudar. Ele ainda delineia possibilidades interpretativas sobre a liberdade de ser, de expressar-se, de ser como único, de usar seu cabelo volumoso, liso, crespo ou de flores com orgulho em diferentes espaços. Considera-se que,

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar e questionar. Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente. (Abramovich, 1989, p.143).

Nessa prática, pode-se destacar a formação do leitor e a valorização da leitura, como Munita (2024, p. 36) menciona “valor na formação ética e moral do sujeito, o valor instrumental do acesso à informação e da imersão no mundo escrito, e o valor da leitura para a subjetividade”. A experiência literária de ouvir, ver e dialogar sobre a obra evoca a necessidade da discussão coletiva em torno de um objeto: o livro físico ou em formato de áudio *book*, que contém as informações, mas não todas as respostas, fazendo com que o sujeito se sinta parte da leitura em sua interpretação contextualizada. “Quando a leitura se transforma em experiência, ela sempre constrói significado para o sujeito e contribui para a criação de um espaço próprio que possibilita certa distância em relação aos determinismos familiares ou sociais.” (Munita, 2024, p. 46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os resultados pode-se destacar a importância do contato com obras literárias de qualidade, uma vez que o livro em destaque é atual e necessário para abrir discussões em torno dos comportamentos, falas e realidades dos sujeitos. Percebe-se que o livro apresenta camadas em suas imagens e textos enquanto livro-álbum.

A função das mediadoras foi fundamental para que houvesse uma apropriação consciente do significado do texto, uma vez que o livro não apresentava respostas prontas. As construções à medida que o livro foi sendo lido fizeram com que as crianças criassem suas próprias hipóteses.

A leitura enquanto fruição aconteceu, mas com a mediação, aconteceu a

potencialização da apropriação. O que as crianças aprenderam? O caráter subjetivo desta questão se apresenta para que possamos pensar em contextos, práticas e apropriações individuais de acordo com a leitura de mundo de cada ouvinte. Uns se apropriaram mais sobre amizade, outros sobre ser diferente, outros sobre doentes com câncer.

A atividade após a leitura, o que aqui trazemos como práxis ou extrapolação lúdica (Baldi, 2009) aconteceu em ambos os espaços, e o objetivo da produção do menino com flores no cabelo foi de materializar a memória da leitura realizada explorando habilidades estéticas e inventivas em que os alunos saem “mais letrados, mais sensíveis e mais confiantes em suas capacidades.” (Baldi, 2009, p. 160)

Nesse ínterim, é possível afirmar que o objeto livro ampliou a possibilidade interpretativa e colaborou para que as crianças das duas localidades tivessem contato com um narrativa sensível que poderá fazer parte de suas vivências em literatura enquanto arte e sensibilidade.

A utilização do suporte tecnológico aconteceu para que as crianças tivessem outro tipo de exploração. Não é nosso objetivo gerar outros questionamentos sobre os suportes apresentados nesta experiência praxica, mas sim de valorizar o texto e a imagem para que pudessem conhecer uma obra de arte sensível e fundamental para aprender o gosto pela leitura literária.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989
- BALDI, Elisabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: Uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.
- CHAMBERS, Aidan. **Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa**. Trad. Juliana Chiegerato Pedro. São Paulo: Cortez, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JARVIS. **O menino com flores no cabelo**. São Paulo: Pequena Zaar, 2023.
- KOCHHANN, Andréa. **A produção acadêmica e a construção do conhecimento**



X CONGRESSO | XV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

XII ENCONTRO DO PIBID | X JORNADA JURÍDICA

VIII SELIQUIM - SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA LICENCIATURA EM QUÍMICA DO IF GOIANO

científico: concepções, sentidos e construções. Goiânia: Kelps, 2021.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores.** Trad. Dolores Prades. São Paulo: Solisluna Editora, 2024.